

## **Artistas indígenas roraimenses: processos de inclusão no cenário artístico local<sup>1</sup>**

*Anderson dos Santos Paiva - Universidade Federal de Roraima*

*Email: anderson.paiva@ufrr.br*

*Cristiane Bade Favreto - Universidade Federal de Roraima*

*Email: cristiane.bade@ufrr.br*

**Resumo:** O presente texto tem por objetivo oferecer uma análise sobre as contribuições das políticas culturais aos povos indígenas na construção do chamado “espaço cultural ibero-americano” e seus reflexos na Amazônia Setentrional, mediante a inserção dos artistas indígenas no cenário artístico do estado de Roraima. Para tanto, tomamos por referência o Plano Nacional de Cultura (MinC/Governo do Brasil) e os documentos e resoluções internacionais da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI), Organização dos Estados Americanos (OEA) e do Mercado Comum do Sul (Mercosul) que orientam as ações na área cultural. Além desta questão central nós apresentamos algumas proposições e perspectivas produzidas a partir da implementação de um conjunto de ações autônomas de um coletivo de artistas indígenas roraimenses que têm criado um “espaço de arte” segundo uma concepção de cultura que se contrapõe ao discurso instituído no plano local. Assim, a noção de diversidade e identidade cultural ganha novo contorno, de modo a se produzir um discurso singular que contraria a lógica do discurso dominante, o qual relegou a produção artística indígena à um patamar secundário na construção da identidade roraimense. Portanto, apresentamos os impactos produzidos por estes instrumentos das políticas culturais e a capacidade que eles têm de contribuir na esfera artística com o surgimento de um forte protagonismo na reconfiguração dos valores identitários.

Palavras-chave: Arte. Identidade. Políticas Culturais.

### **1. Introdução**

Roraima é um estado com características ligadas às tradições e costumes indígenas, grande parte de sua extensão territorial pertence às reservas indígenas, representando 46,37% da área do Estado (<http://www.rr.gov.br/>); também é constituída por uma significativa população de nordestinos<sup>2</sup>; número expressivo de pessoas de origem sulista, devido à existência de um expressivo processo migratório do sul para o norte, como

---

<sup>1</sup> Este artigo decorre de pesquisa realizada no âmbito do AMA[Z]OOM - Observatório Cultural da Amazônia e do Caribe (CNPq/UFRR).

<sup>2</sup> Cf. SILVEIRA, Isolda Maciel; GATTI, Marcelo. **Notas sobre a ocupação de Roraima, migração e colonização.** Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, v. 4, n. 1, p. 43-66, jul.1988.

podemos observar no estudo de Carla Monteiro de Souza; e por pessoas oriundas de outras regiões do país.

A identidade cultural de Roraima é marcada por uma vasta diversidade, como apontamos. No entanto, as tradições e as culturas indígenas predominam no Estado, considerando que existiam diversos grupos indígenas na região antes das disputas entre luso-brasileiros, holandeses, espanhóis e ingleses desde o século XVII, que permaneceram na região após esses conflitos.

Assim, analisando a diversidade cultural do estado, buscamos investigar a falta de valorização da produção dos artistas indígenas da região, relacionando-os ao contexto mais amplo das políticas culturais no espaço ibero-americano, de modo a compreender as questões que envolvem o papel e o valor das artes indígenas e sua relação com a contemporaneidade. Desejamos rever também alguns conceitos acerca dessas produções, bem como o papel que tais grupos desempenham atualmente na reprodução de sua cultura frente à globalização.

## **2. O espaço das sociedades indígenas no Espaço Cultural Ibero-Americano**

O Espaço Cultural Ibero-Americano, enquanto espaço de confluências entre as identidades, nacionalidades, expressões, produções e políticas culturais dos países hispânicos e lusófonos, pode ser considerado como um sistema de diversidade e também de identificação coletiva.

A criação deste “espaço cultural comum” é fruto de um projeto geoestratégico de integração dos países-membros da Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI) que buscam em seus processos históricos e nas matrizes culturais compartilhadas os elementos necessários a promoção da valorização da dimensão cultural como base fundamental em que devem ser apoiadas as iniciativas regionais e a emergência de novas políticas públicas frente os processos globais.

O principal documento definidor deste espaço e acervo comum de experiências é a Carta Cultural Ibero-Americana, adotada no ano de 2006 por ocasião da XVI Cimeira Ibero-Americana, realizada em Montevideu (OEI, 2006, p. 7).

A Ibero-América é um espaço cultural dinâmico e singular; nele se reconhece uma notável profundidade histórica, uma pluralidade de origens e variadas manifestações.

A consolidação de um espaço ibero-americano que reconhece a multiplicidade de matizes comporta vozes que dialogam com outras culturas.

É necessário fortalecer as estruturas regionais de cooperação com a finalidade de criar melhores condições para a inserção da Ibero-América no cenário global.

Neste âmbito, serão promovidas afirmações, idéias e valores consagrados na presente Carta Cultural, como diretrizes para a construção de um espaço cultural ibero-americano.

No documento fica claro o entendimento da Ibero-América como espaço cultural natural que preza pelo reconhecimento do seu status não somente a nível regional, mas também mundial. É deste modo, um espaço de disputa ante as exigências da globalização e utiliza da cultura como cimento para alicerçar o bloco de países divididos por um oceano nas negociações internacionais e na defesa dos interesses culturais e desenvolvimentistas. Mas qual a contribuição deste “espaço” para os povos indígenas das Américas?

A Carta Cultural Ibero-Americana (2006) estabelece que as comunidades indígenas, assim como as comunidades afro-descendentes, as populações migrantes e as demais comunidades tradicionais são “patrimônio fundamental para a humanidade”.

A Comunidade Ibero-Americana de Nações assume, portanto, um compromisso de constituir um “sistema cultural integrado” em favor da diversidade interior de seus povos, na compreensão da indissociabilidade entre direitos humanos e direitos culturais e, promovendo a cooperação e solidariedade entre os Estados para a implementação de políticas públicas de valorização da diversidade das expressões culturais.

É nesse período que são produzidos pela Unesco alguns dos mais importantes documentos para a constituição de políticas para os povos indígenas, a saber a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural (2001), a Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais (2005) e a Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas (2008).

O Espaço Cultural Ibero-Americano, como espaço regional de disputas políticas, foi construído a partir da noção de pertencimento a uma herança cultural comum e abarca os Estados e organismos internacionais com os mais variados interesses que se inter-relacionam mediante acordos e programas de apoio e cooperação mais diversos. No que diz respeito às políticas culturais para os povos indígenas, postas em curso pelos governos dos países que integram a região, é justamente a Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais que tem oferecido uma unidade às proposições que são formuladas.

### **3. O espaço das sociedades indígenas na política nacional de cultura**

A promoção de políticas culturais para os povos indígenas, considerando o entendimento da cultura como parte do desenvolvimento sustentável, tem favorecido a

ampliação da divulgação dos conhecimentos e saberes indígenas, bem como tem possibilitado o protagonismo destes na formulação destas mesmas políticas.

Entre os avanços produzidos no Brasil destacam-se o Plano Nacional de Cultura, o Plano Setorial de Culturas Indígenas e o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, instituído pelo decreto nº3.3551/2000 que também institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial como quatro Livros de Registro: dos Saberes, das Celebrações, das Formas de Expressão e dos Lugares. Trata-se de numa iniciativa de contribuir para a preservação da memória e transmissão de manifestações culturais, de expressões artísticas e de conhecimentos tradicionais.

Como resultado que reflete a importância de ações nesta área está a Arte Kusiwa dos índios Wajãpi (Amapá), proclamada Patrimônio Imaterial da Humanidade pela Unesco, em 2003.

O Prêmio Culturas Indígenas, criado em 2006 pelo Ministério da Cultura, através da Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural (SID/MinC), também é outra importante iniciativa que coaduna com o avanço à nível internacional do papel da diversidade cultural nas políticas para os povos indígenas e tem o objetivo claro de incentivar o protagonismo indígena na elaboração e realização de projetos para o fortalecimento das suas expressões culturais. Mas, para além destas iniciativas, o maior avanço tem sido traduzido no Plano Setorial para as Culturas Indígenas (PSCI), integrante do Plano Nacional de Cultura, sancionado pelo ex-presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em 2 de dezembro de 2010, que é o resultado do diálogo produzido com os diversos setores da sociedade nos dois Seminários Nacionais de Políticas Públicas para as Culturas Populares (2005 e 2006) e nas duas Conferências Nacionais de Cultura (2005 e 2010).

#### **4. O espaço das artes indígenas no espaço de arte**

Os estudos antropológicos consideraram durante longo tempo a arte e as manifestações estéticas indígenas como desprovidas de uma abordagem particularizada, pois esta era vista como consequência de transformações que ocorriam no âmbito dos aspectos tidos como mais amplos com os estudos concentrando-se basicamente nas relações de parentesco e no sistema de crenças. A arte ocupava um papel secundário, pois, estando relacionada a uma noção externa (ocidental), era rejeitada por alguns estudiosos até mesmo sobre a aplicação deste seu conceito à denominada cultura material, com a afirmação de que as manifestações plásticas indígenas não visavam uma finalidade estética, mas sim a reprodução de conteúdos culturais ligados à cosmologia e as marcas hierárquicas do sistema tribal. Chegou-se a pensar até em qual termo lhe seria mais justo sendo que autores como Singer passaram a atribuir o conceito de etnoarte considerando

assim que este seria o mais adequado, “pois faz referência tanto a uma tradição plástica específica como pressupõe a contextualização sócio-cultural da arte” (VAN VELTHEM, 2003, p.86), correspondendo a um processo estético que estaria mais próximo da real intenção destes povos. Outros autores divergiam abordando tais práticas como “arte étnica”, “arte tribal”, “arte índia” ou “arte primitiva”. Contudo, o estudo das artes indígenas só tomaria novo fôlego a partir dos estudos de Franz Boas quando passa a tratar a arte como um meio de se explicar o sistema interno das sociedades étnicas estabelecendo que esta representaria “emoções que não são estimuladas unicamente pela forma, mas resultam também de estreitas associações que existem entre esta e as ideias possuídas pelos artistas nativos” (BOAS apud VAN VELTHEM, 2003, p.86).

Entretanto, a noção de arte indígena ainda é muito genérica a medida que não dá conta das diversas etnias que desenvolvem suas produções artísticas segundo traços culturais particulares. Essa categorização só pode ser utilizada, portanto, de modo restrito e não abarca as diferenças, por exemplo, entre as expressões plásticas Macuxi, Taurepang, Wapixana, Ingaricó e Wai-Wai, só para citar alguns povos indígenas do estado de Roraima. O mais correto seria, como atualmente vem sendo proposto, se falar em Artes Indígenas, “uma vez que não há uma arte comum e geral dos índios, visto que ela se expressa de tantas formas quantos são os povos que as produzem” (VAN VELTHEM, 2003).

## **5. Novos contornos da cultura e identidade em Roraima**

Roraima conta com diversos grupos indígenas que estão na região há muito tempo. Os grupos mais conhecidos são os Macuxi, Ingaricó, Wapixana, Iecwana, Taurepang, Wai-wai, Waimiri-atroari e Yanomani.

As produções artísticas no estado, em especial as indígenas, se deparam com sérias dificuldades para a divulgação de seus trabalhos. Mas essas dificuldades devem-se, em grande medida, ao preconceito da própria produção desses sujeitos.

Subentende-se que grande parte desse preconceito provém da própria visão dogmática da sociedade capitalista, que identifica os grupos indígenas como desprovidos de civilização.

Existem diversos artistas indígenas na região, mas apenas alguns conseguem dar visibilidade as suas produções artísticas, pela falta de incentivos e valorização do próprio estado.

O estado de Roraima até pouco tempo não contava com uma galeria que pudesse dar visibilidade as artes plásticas de grupos indígenas. Recentemente foi inaugurado no município de Boa Vista a Galeria Jaider Esbell, um dos poucos espaços que dá visibilidade à arte de Roraima, em especial as obras de artistas indígenas.

Além desse local, o estado conta com um espaço de divulgação e comercialização de artefatos, o chamado "Centro de Artesanato", localizado na região da Orla Taumanan. Esse ambiente é pouco frequentado pela população local, pela falta de divulgação das produções artísticas desse local.

Atualmente, existe apenas um museu em todo o estado, o Museu Integrado do Estado de Roraima, localizado na capital, Boa Vista. Ele deveria ser um espaço de divulgação dessas produções indígenas, porém, não tem atuado na propagação e valorização destas produções e encontra-se fechado por falta de manutenção, impondo riscos à segurança de funcionário e visitantes.

Alguns estudiosos e a própria população ainda tem dificuldades em entender as transformações ocorridas nos grupos indígenas, que "[...] se renovam nos processos modernizadores suscitados pela urbanização e industrialização da cultura" (CANCLINI, 1994, p. 99).

Sendo assim, parte dessas dificuldades na exposição de suas produções, se deve a população do estado não conhecer a diversidade cultural dos povos indígenas e seus diferentes costumes e tradições, e por não reconhecer que as produções desses grupos se transformam ao longo dos séculos.

Em Roraima, e no país como um todo, ainda predomina a ideia de "progresso", na qual devemos banir tudo o que possa atrapalhar o mesmo, e como podemos observar o índio é considerado um inimigo deste "progresso". Essa visão não é nova, não só as representações artísticas indígenas como a sua cultura sofrem preconceitos no Estado, efeitos esses de uma construção social da imagem do índio.

Atualmente existem vários incentivos à valorização dos valores e saberes do índio sendo criados, estímulos esses que envolvem a inserção de conteúdos no currículo e políticas públicas etc., mesmo assim a população roraimense tem uma resistência muito forte em aceitar essa valorização, como podemos ver a seguir no texto "Preconceito contra índios está voltando em onda conservadora", de Roldão Arruda:

Em Boa Vista, capital de Roraima, Estado onde os índios reivindicam a criação do território Raposa Serra do Sol, é comum ouvir manifestações contra eles. São quase sempre qualificados como preguiçosos [...]

Ainda persiste um preconceito muito grande contra os índios. É possível perceber uma visão racista e uma intolerância cultural, principalmente nas cidades onde a presença indígena é maior e mais próxima (ARRUDA, 2008).

Os estereótipos e clichês quanto às diversas populações indígenas que vivem no Estado são ainda muito presentes, considerados por muitos como preguiçosos e incapazes. Esse preconceito contra o índio é mais acentuado nas cidades que possuem áreas



indígenas em situação periférica como é o caso da capital roraimense e de outras cidades do estado.

## **6. Arte indígena em Roraima**

Apesar de toda a dificuldade para apresentar sua produção artística, dentre os grupos artísticos que se formaram em Roraima nos últimos anos um que vem ganhando destaque pelo conjunto de trabalhos e parcerias para melhorar a visibilidade e recepção de suas obras. Ele é formado na maioria por artistas de origem indígena das diversas etnias do estado, como Jaider Esbell, Carmézia Emiliano, Isaías Miliano, Bartô e Amazoner Okaba. O destaque ocorre não tanto pela construção temática, mas pela movimentação que vem proporcionando no cenário uma vez que não se limitam a buscar apoio governamental para empreender suas ações. Eles tornam-se protagonistas dentro de uma perspectiva de emancipação que questiona o olhar sobre a arte indígena e o valor dado às construções identitárias produzidas de acordo com o discurso governamental.

Embora estes artistas trabalhem ainda sob forte influência do regionalismo, suas práticas propõem uma reformulação do espaço de arte. Não seria mais uma arte instituída ao gosto do cliente, mas sim produzida no diálogo cultural, instaurada no tempo com a contribuição da memória e disposta a construir um outro patamar de diálogo com a sociedade.

A expressão plástica do trabalho pictórico desses artistas está inserida na representação figurativa, no tratamento de referências de fácil apreensão, do gestual, do simbólico, do particular. Nada de novo, contudo dentro da prática intimista em que o sujeito se faz por um conjunto de ressonâncias que partem em fluxo do contexto ao seio interno, vão e voltam.

Apesar de se apoiar no status nativista esses valores são bem recebidos e reconhecidos pela sociedade. A imagem do índio como elemento secundário, preso ao segundo plano, foi alterada significativamente. Hoje se afirmar artista indígena é algo feito e aceito de modo natural. Eles se apresentam em pé de igualdade com os demais artistas e apresentam um diferencial que é o caráter político e coletivo do seu protagonismo.

As exposições articuladas através da movimentação desses artistas tem atraído considerável público e despertado interesse na imprensa. O coletivismo político confere certo grau de autenticidade aos seus discursos, diferente dos demais que atuam no plano das iniciativas individuais. Assim é comum reivindicarem uma mudança que afete positivamente a todos, sem distinção. Que de fato inclua a diversidade cultural como elemento de destaque na políticas pública de cultura do estado e que subtraia os entraves

ao pleno desenvolvimento das ações artísticas, sem a necessidade de falsa representatividade que nada dinamiza.

As artes visuais é talvez a área menos fomentada pelos instrumentos da política pública local. As expressões que possuem mais visibilidade e interesse popular são os festivais folclóricos e de quadrilha junina. Uma forte herança da migração nordestina no estado. E o pior é que não se vislumbra uma mudança a curto prazo desse paradigma cultural. Ele está implícito na mentalidade da população que valoriza mais as manifestações públicas e massivas em detrimento daquelas circunscritas a espaços mais reduzidos como galerias e museus.

## **7. Processo de inclusão dos artistas indígenas nas práticas de ensino e extensão da UFRR**

Se podemos falar em um circuito autônomo de arte ele se apresenta nas ações desse grupo de artistas indígenas que, apesar do cenário desfavorável, elegeu como fator de resistência a ação colaborativa para operacionalizar o status da arte roraimense. Dessa forma o grupo propõem o apoio mútuo para produção, divulgação e circulação de suas obras. Uma dessas iniciativas mais recente foi a exposição intitulada Universo Makuxi, da artista Carmézia Emiliano, realizada em março de 2014 no Espaço União Operária da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Essa exposição foi idealizada pelo também artista indígena Jaider Esbell que cuidou da articulação junto à UFRR. Carmézia é ganhadora de diversas edições da Bienal Brasileira de Arte Naif, organizada pelo SESC. Desde 2000 estes artistas participam de eventos semelhantes em outros estados, sempre articulando-se para garantir a representação da arte roraimense.

A Universidade Federal de Roraima é a principal instituição de ensino superior do extremo norte do país. Ela foi autorizada pela Lei nº 7.364, de 12 de setembro de 1985, e instituída pelo Decreto nº 98.127, de 08 de setembro de 1989. No que se diz respeito à infraestrutura física, a UFRR iniciou suas atividades em apenas um campus universitário, em uma área doada pelo governo do então Território Federal de Roraima. Atualmente a universidade adotou modelo multi-campi, com centros e demais unidades acadêmicas distribuídos em Cauamé, Murupu e Paricarana.

A questão indígena sempre foi objeto de interesse da política universitária da UFRR, e nos últimos anos tomou uma ampla dimensão após a criação do Núcleo Insikiran, em 2001, seguida da sua transformação em Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena, através da Resolução n. 009/2009-CUni-UFRR. Neste instituto foram instalados os cursos de Licenciatura Intercultural, Gestão Territorial Indígena e Saúde Coletiva Indígena. Mas, para além desta ação de grande impacto na formação indígena no estado de Roraima, a



UFRR tomou também a relevante iniciativa de criar em 2009, o primeiro curso na área de Arte do estado, a Licenciatura em Artes Visuais.

Este curso foi instalado no Centro de Comunicação e Letras e passou a funcionar após a primeira contratação de professores, em 2010. Já neste ano foram feitas as primeiras alterações no Projeto Político-Pedagógico do Curso de Artes Visuais no sentido de garantir que a dimensão étnica e identitária estivessem contempladas nas práticas de ensino, pesquisa e extensão.

Essa reforma no PPC tomou por base a abordagem transdisciplinar como forma contribuir para um novo tipo de Educação, a partir de quatro pilares, elaborados pela Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, ligada à UNESCO e presidida por Jacques Delors, a saber: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver em conjunto e aprender a ser (NICOLESCU, 1999).

Aprender a conhecer significa ter acesso aos saberes e ao espírito científico, estimulando o questionamento desse conhecimento, a pesquisa e a construção de pontes entre os diferentes saberes e suas significações na vida cotidiana.

Aprender a fazer significa a aquisição de uma profissão, o que passa, necessariamente, por uma especialização. No entanto, é preciso esclarecer que especialização não significa reducionismo a um modo único de pensar ou fazer.

Aprender a viver em conjunto significa, de modo geral, o respeito às normas da coletividade, mas significa, sobretudo, “reconhecer-se a si mesmo na face do outro”. Trata-se de um aprendizado permanente de tolerância e afetividade que inclui a atitude transcultural, transreligiosa, transpolítica e transnacional.

Aprender a ser significa “descobrir nossos condicionamentos, individual e social, especialmente, os relacionados às certezas” (NICOLESCU, 1999).

Estes princípios podem ser compreendidos como indicadores da organização transdisciplinar do conhecimento, de modo a tornar abrangente a estrutura dos curso de Artes Visuais, em consonância com as novas demandas sociais.

Neste sentido foram criadas as disciplinas “Arte e Representações Culturais na Amazônia”; “Arte, Memória e Patrimônio” e, “Arte, Educação e Diversidade Cultural”. Estas três disciplinas, em conjunto com as disciplinas laboratoriais onde são desenvolvidas práticas de ateliê, são as responsáveis por reunir a maior parte da contribuição indígena através da inclusão de saberes na prática de ensino e aprendizagem do curso de Artes Visuais da UFRR.

A disciplina “Arte e Representações Culturais na Amazônia”, tem por foco a Amazônia Continental e suas relações com as sociedades indígenas, ribeirinhas e com a

sociedade nacional, bem como os processos migratórios, hibridização cultural e etnografias contemporâneas da cultura e da arte.

A disciplina “Arte, Memória e Patrimônio” aborda a experiência estética e aprendizagem artística em museus e espaços culturais tendo por referência a contribuição indígena na formação cultural da sociedade roraimense. Para tanto, propõe uma investigação crítica sobre patrimônio histórico-artístico e as formas de mediação cultural nos museus da região norte.

Já a disciplina “Arte, Educação e Diversidade Cultural” atua na perspectiva da educação pós-moderna, efetuando análise sobre as representações visuais e as relações de poder na região, abarcando temas como identidade, alteridade, diversidade e multiculturalismo.

Nestas disciplinas os professores e alunos de ascendência indígena e não-indígena do curso de Artes Visuais realizam suas prática de ensino e aprendizagem entremeadas com incursões à campo, visita aos ateliês dos artistas locais, realização de estudos sobre arte regional e registro fotográfico e audiovisual sobre a presença cultural indígena na construção identitária roraimense. Neste caso, as ações são norteadas pelo Plano Nacional de Educação (PNE) e pela política cultural nacional que propõe a valorização dos mestres dos saberes e fazeres como reflexo do programa Tesouros Humanos Vivos da Unesco.

Nas práticas de ensino os professores são estimulados a propor a articulação de saberes com a comunidade externa na construção de produtos artísticos (vídeos, fotografias, pinturas, desenhos e gravuras). Estas ações têm por eixo transversal a Diversidade Cultural e culminam sempre no início e término de cada semestre com os eventos acadêmicos do curso de Artes Visuais. Estes eventos são organizados pelos alunos e professores e visam estreitar e fortalecer as relações entre a academia e a sociedade. Os principais eventos realizados pelo curso são: Semana de Recepção dos Alunos de Artes Visuais (Artecalourosa), Semana Integrada de Arquitetura e Artes Visuais (INTEGRA) e o Seminário Interdisciplinar de Artes Visuais.

A Artecalourosa foi realizada de 2010 a 2013. Neste evento, que reúne praticas de ensino e extensão são planejadas e desenvolvidas formas de integração dos alunos calouros sem passar pela lógica do trote acadêmico. Os alunos, monitores e voluntários apresentam oficinas, palestras e seminários com artistas, pesquisadores e atores culturais locais para dialogar sobre os temas artísticos mais relevantes para região norte. Dentre estes temas destacam-se a memória, identidade cultural, arte e etnicidade que é corrente nas produções artísticas apresentadas.

A INTEGRA teve três edições (2011, 2012 e 2013) e congrega alunos dos cursos de artes e arquitetura, além de estudantes das diversas IES do estado de Roraima. As ações desenvolvidas neste evento buscam construir uma ponte entre o conhecimento das duas

áreas com ênfase na realidade amazônica e nos desafios e reflexos identitários e culturais nas práticas de ensino, pesquisa e extensão. Neste evento, que corresponde a semana acadêmica, os alunos juntamente com os professores atuam na produção cultural, mediação de debates, montagem de exposições e discussão de temas em palestras, mesas redondas e sessões de comunicação com a participação de artistas indígenas, arquitetos, mestres da cultura, pesquisadores institucionais, gestores públicos e arte-educadores.

O Seminário Interdisciplinar de Artes Visuais é o mais novo evento do curso de Artes Visuais dentro da mesma lógica de articular ensino e extensão, só com a diferença de que nele é ressaltado o caráter de avaliação interdisciplinar do curso, uma vez que os resultados produzidos nas disciplinas (apresentações, artigos científicos, relatos de experiência, trabalhos artísticos) são expostos e avaliados com a presença e contribuição da comunidade em espaço aberto para ampla visitação.

A interdisciplinaridade, como trabalhada no Projeto Político-Pedagógico do Curso de Artes Visuais da UFRR é uma prática de negociação entre pontos de vista, projetos e interesses diferentes. Ela pressupõe uma interação das disciplinas e uma interpretação que possa trilhar desde a simples comunicação de ideias até a integração dos conceitos, sendo, assim, parte da organização do conhecimento.

A interdisciplinaridade centrada na articulação dos saberes, pode se estabelecer, de acordo com Sônia Penin (1994), como:

Conhecimento sistematizado: aquelas formulações consideradas válidas pela epistemologia, com base no método científico, que formam um corpo de conceitos, organizados e teorias bem definidas e, ainda, aqueles organizados por diferentes disciplinas no campo das artes, das humanidades etc.

Saber cultural: formas de conhecimento, como os chamados cotidiano, leigo, tradicional ou empírico, em uma dada cultura que apresentam níveis variados de elaboração, provenientes da mídia, da política, de regionalismos e de outros lugares.

Nesta perspectiva que temos atuado na integração e inclusão dos saberes dos mestres e artistas indígenas com os conhecimentos construídos em diálogo aberto na universidade.

No que tange a pesquisa e a produção deste diálogo temos desenvolvido, através do AMA[Z]OOM - Observatório Cultural da Amazônia e do caribe, a “Cartografia Cultural do Estado de Roraima”, uma base de dados sobre as informações culturais que contou com dois sub-projetos: “Mapeamento dos Painéis e Murais artísticos da cidade de Boa Vista” e o “Mapeamento do Artesanato e Arte Popular do estado de Roraima”, realizados no período 2011-2012. Através dos resultados destas pesquisas temos desenvolvido ações articuladas com as disciplinas do curso de graduação em Artes Visuais, principalmente no sentido de

identificar as imagens e representações dos índios no discurso visual dos artistas roraimenses financiados pelo governo do estado desde a década de oitenta do século XX.

Alguns destes estudos foram ampliados no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (CNPq/UFRR), em 2012 e deram origem a outros estudos e pesquisas como o Museu Virtual do Estado de Roraima, ainda em curso, que visa suprir uma deficiência pela falta de referências imagéticas e de museu em atividade no estado, o que tem dificultado as ações de mediação cultural que desenvolvemos, por hora, em espaços expositivos de galerias e ateliês.

### **Considerações Finais**

Considerando as discussões apontadas nesse texto compreendemos que a produção das artistas indígenas roraimenses vem sendo terreno de interesses políticos, mas essa questão não é uma particularidade dessa região, essa situação é vivenciada em grande parte do país.

Acompanhamos também que no estado, ainda existem muitos preconceitos e estereótipos associados à imagem dos indígenas. Muitas dessas associações a imagem dos índios são similares àquela que os filmes, certas literaturas e livros didáticos reproduzem.

As práticas de ensino e extensão desenvolvidas na UFRR, no que tange as artes indígenas, também foram apresentadas no desenvolvimento desse artigo. Portanto, a realização das atividades apresentadas foram extremamente importantes para o processo de inclusão, divulgação e reconhecimento das artes indígenas na produção artística local, por isso, as presentes atividades realizadas tem uma grande relevância social e cultural para o cenário roraimense.

### **Referências**

ARRUDA, Roldão. **"Preconceito contra índios está voltando em onda conservadora"**. ESTADÃO.COM.BR. Edição digital. 20 de abril de 2008. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,preconceito-contra-indios-esta-voltando-em-onda-conservadora,159947,0.htm>. Acesso em 07/08/2013.

CANCLINI, Nestor García. **O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 23. Rio de Janeiro, 1994.

CHAGAS, Mário. **Cultura, Patrimônio e Memória**. In: INTEGRAR, 1º congresso internacional de arquivos, bibliotecas, centros de documentação e museus: textos. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

FOLHA DE BOA VISTA. **Folha WEB**. Disponível em: [http://www.folhabv.com.br/Noticia\\_Impressa.php?id=89279](http://www.folhabv.com.br/Noticia_Impressa.php?id=89279). Consultado em 10 de setembro de 2013.

FUNDAÇÃO DE EDUCAÇÃO, TURISMO, ESPORTE E CULTURA DE BOA VISTA - FETEC. **Inventário do Patrimônio Cultural de Boa Vista**. Boa Vista: Gráfica Lóris, 2011.

NICOLESCU, B. **O Manifesto da transdisciplinaridade**. Tradução de Lucia P. de Souza. São Paulo: Triom, 1999.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS IBERO-AMERICANOS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (OEI). **Carta Cultural Ibero-Americana**. Montevideo, 2006. Disponível em: <[http://www.segib.org/upload/File/Carta%20Cultural%20iberoamerica\\_na2.pdf](http://www.segib.org/upload/File/Carta%20Cultural%20iberoamerica_na2.pdf)>. Acesso em: 09 abr. 2011.

PENIN, Sonia T. de Sousa. **A aula como espaço de conhecimento, lugar de cultura**. Campinas, Papyrus, 1994.

RIBEIRO, Darcy et al. **Suma etnológica brasileira**. Volume 2. Petrópolis: Vozes, 1987.

SOUZA, Carla Monteiro de. **Gaúchos em Roraima**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

VAN VELTHEM, Lucia H. **O Ocidente, a antropologia e as artes indígenas: elementos de compreensão**. *O Belo é a Fera. A Estética da Produção e Predação entre os Wayana*. Lisboa, Assírio e Alvim/ Museu Nacional de Etnologia, 2003.